



CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA EDUARDA AMARAL FERNANDES

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO ESPECÍFICO II – ÊNFASE EM
PSICOLOGIA CLÍNICA (ACP)**

**Cuiabá/MT
2025**

MARIA EDUARDA AMARAL FERNANDES

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO ESPECÍFICO II – ÊNFASE EM
PSICOLOGIA CLÍNICA (ACP)**

Relatório Final de Estágio apresentado para a Faculdade Fasipe CPA do curso de psicologia como requisito para a aprovação da disciplina no Estágio Específico II – Ênfase em Psicologia Clínica.

Orientador : Prof. Heronilton Silva e Lima

**Cuiabá/MT
2025**

SUMÁRIO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO	6
2. INFORMAÇÕES NA QUAL O ESTÁGIO FOI REALIZADO.....	6
3. INTRODUÇÃO	7
4. OBJETIVOS	11
4.1 Objetivo Geral.....	11
4.2 Objetivos Específicos	11
5 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	12
6. REVISÃO DE LITERATURA.....	13
7. METODOLOGIA.....	19
8. ABORDAGEM UTILIZADA NO ESTÁGIO	19
9. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	20
10. RELATOS DAS SESSÕES.....	21
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
12. DADOS GERAIS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	27
13. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
14. ASSINSTURA DO SUPERVISOR DE ESTÁGIO CLÍNICO.....	31
15. ANEXOS.....	31

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

- 1.1 Nome completo : Maria Eduarda Amaral Fernandes
- 1.2 Telefone : (65) 99244-5133
- 1.3 Número da matrícula : RA 76527 Faculdade Fasipe CPA – 8º semestre
- 1.4 Endereço : Av. Mario Augusto Vieira, 269 - Morada do Ouro II/ Cuiabá-MT
- 1.5 Área de Estágio : Estágio Específico II – Ênfase em Psicologia Clínica
- 1.6 Local de Estágio : Fasiclin – R. Rondonópolis, Lote 07, Quadra 12 – CPA II

2. INFORMAÇÕES NA QUAL O ESTÁGIO FOI REALIZADO

- 2.1 Nome do Supervisor de estágio : Prof. Heronilton Silva e Lima
- 2.2 Nome do Preceptor de estágio : Prof. Eliane Aparecida Montanha Rojas
- 2.3 Carga Horária determinada no Estágio Específico II: 160 horas
- 2.4 Data de início e término do Estágio Específico II : 30/08/2025 até 06/12/2025
- 2.5 Turno de atendimento clínico : Período matutino todos os sábados das 8:00 às 12:00 H
- 2.6 Data de início e término da supervisão : 14/08/2025 até 04/12/2025
- 2.7 Horário de supervisão : toda quinta-feira às 8:00 - 12:00 H
- 2.8 Carga Horária semanal : 8 horas

3. INTRODUÇÃO

O estágio clínico realizado na FASICLIN Clínica-Escola de Psicologia da Faculdade FASIPE Cuiabá constitui um espaço formativo essencial para o desenvolvimento profissional do estudante, na qual o discente tem a oportunidade de desenvolver competências técnicas, éticas e relacionais por meio de atendimentos supervisionados à comunidade. A clínica-escola oferece serviços acessíveis, atendendo uma diversidade de pessoas e demandas. Esse contexto favorece a vivência de experiências clínicas autênticas, permitindo ao estagiário exercitar habilidades de escuta, acolhimento e compreensão das demandas apresentadas, sempre orientado pelos princípios éticos da profissão e pelas diretrizes institucionais do serviço-escola. Nesse percurso, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) foi adotada como eixo norteador da prática, devido à sua ênfase na relação terapêutica, na valorização da singularidade do cliente e na promoção de um ambiente facilitador de crescimento.

A Abordagem Centrada na Pessoa, desenvolvida por Carls Rogers, integra o que se considera a terceira força da Psicologia, a qual foi intitulada Psicologia Humanista na década de 60. Essa denominação ocorreu em razão da retomada de discussões históricas sobre o ser humano na visão do Humanismo, e é uma vertente que também está alinhada com as contribuições filosóficas do existencialismo e da fenomenologia (BEZERRA; BEZERRA, 2012).

A ACP fundamenta-se na tradição humanista e fenomenológica, colocando a experiência subjetiva do indivíduo no centro da compreensão clínica. Nessa perspectiva, a tendência atualizante é entendida como a capacidade intrínseca do organismo de desenvolver-se e manter suas potencialidades, deslocando o foco de modelos normativos ou patologizantes para a vivência singular do sujeito (BRITO; MOREIRA, 2011).

Nessa vertente, o terapeuta não adota uma postura de diretividade na psicoterapia. Ele é compreendido como facilitador do processo terapêutico e colaborador da tendência atualizante do cliente, um conceito que se refere ao entendimento de Rogers de que todo organismo já traz em si uma potencialidade para o crescimento. Caso essa potencialidade não esteja sendo vivenciada, pode significar que a pessoa não está tendo as condições satisfatórias que colaborem para isso (RUDIO, 1999; ROGERS, 1982).

Desse modo, não se trata, assim, de o cliente não saber o que é melhor para si, ou o que é necessário para atender suas necessidades e poder crescer, sendo dependente do terapeuta para essa identificação. Trata-se de uma relação em que o terapeuta possibilita, a partir de condições específicas denominadas de atitudes facilitadoras por Rogers, que o próprio cliente se autodirija

para experimentar a sua tendência atualizante (RUDIO, 1999; ROGERS, 1982). Autores contemporâneos destacam que essa orientação aproxima o humanismo de perspectivas fenomenológicas, ao defender que o acesso ao mundo interno do cliente ocorre por meio da descrição e do acolhimento de sua experiência vivida, e não por classificações externas (Bezerra; Bezerra, 2012). Assim, o fundamento filosófico da ACP articula confiança na autorregulação do indivíduo, valorização da experiência imediata e compromisso ético com a dignidade e a autonomia da pessoa atendida (SILVA ET AL., 2025).

A literatura humanista também destaca que a ACP compreende o ser humano como um organismo íntegro, dotado de recursos internos para mudança, crescimento e autorrealização. Essa concepção contrapõe-se a visões reducionistas, ao reconhecer a autonomia, a agência e a singularidade do indivíduo como fundamentos do processo terapêutico (CASTRO, 2022; MOREIRA, 2010; CASTELO BRANCO, 2022). A prática clínica orientada por essa abordagem busca, portanto, promover um ambiente que favoreça a expressão da experiência interna e possibilite ao cliente acessar seus potenciais de desenvolvimento.

Nesse contexto, a relação terapêutica ocupa um papel central. Rogers descreve três atitudes fundamentais que constituem o clima necessário para que o cliente explore suas vivências: empatia compreensiva, consideração positiva incondicional e congruência ou autenticidade. Essas atitudes não são técnicas, mas formas de presença profissional que promovem um encontro genuíno e facilitam a expressão de sentimentos, significados e contradições internas (Brito; Moreira, 2011). A qualidade desse vínculo é entendida como o principal agente de transformação terapêutica, possibilitando processos consistentes de autoconhecimento, autoaceitação e mudança pessoal (CORRÊA, 2023; CASTRO, 2022; CASTELO BRANCO, 2022; MOREIRA, 2010).

Evidências recentes mostram que essa postura relacional é eficaz mesmo em contextos de alta demanda, como atendimentos emergenciais e plantão psicológico, promovendo alívio emocional imediato e encaminhamentos mais adequados às necessidades do cliente (Silva et al., 2025). Pesquisas em contextos grupais e institucionais indicam, ainda, que o clima de empatia e autenticidade favorece a expressão genuína e a construção compartilhada de significados (GALDINO ET AL., 2024; CORRÊA, 2023). Dessa forma, a eficácia da ACP reside menos em técnicas e mais na qualidade ética, humana e colaborativa da relação estabelecida entre terapeuta e cliente, aspecto que orientou as práticas desenvolvidas ao longo deste estágio clínico.

No contexto da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), o estágio promove a experiência direta do processo terapêutico, estruturado a partir das atitudes facilitadoras, como empatia,

consideração positiva incondicional e autenticidade, conforme descrito por Rogers (1982) . Nesse sentido, o estágio se apresenta como espaço privilegiado para que o aluno desenvolva habilidades clínicas baseadas na compreensão profunda do cliente e na construção de um clima psicoterapêutico permissivo e seguro. A experiência do estágio em Psicologia Clínica, fundamentada na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), possibilita ao estudante compreender a relevância da relação terapêutica na construção do processo clínico. Rogers (1977) afirma que a consulta psicológica não se reduz a técnicas, mas envolve um encontro humano capaz de favorecer condições de crescimento pessoal, aspecto destacado já na abertura de sua obra ao apresentar o livro como direcionado à formação de estudantes e profissionais interessados em compreender a essência da prática terapêutica (ROGERS, 1977, p. 1). Essa perspectiva ressalta que o desenvolvimento clínico exige disponibilidade genuína para compreender o outro, sustentando um ambiente que favoreça a expressão emocional e a reorganização da experiência. Ao discutir os elementos fundamentais da relação de ajuda, o autor enfatiza que compreender o que a relação terapêutica não é ajuda o profissional a evitar posturas que impeçam a instalação de um vínculo autêntico. Ele destaca que a consulta não se baseia em respostas prontas ou imposições do terapeuta, mas na construção de um encontro real entre duas pessoas, em que a autenticidade e a presença do profissional são determinantes para que a relação se torne significativa (ROGERS, 1977, p. 65). Essa compreensão fundamenta a prática do estagiário, que precisa sustentar uma postura ética, transparente e sensível.

Rogers também aponta que muitas consultas fracassam não pela falta de intenção do profissional, mas porque nunca se estabeleceu uma relação suficientemente confiável e segura. O autor afirma que, quando a relação é construída de forma sólida, ela se torna o elemento mais importante do processo, permitindo que o cliente entre em contato com aspectos profundos de sua própria experiência (ROGERS, 1977, p. 65). Assim, o estágio clínico passa a ser um campo privilegiado para vivenciar a construção dessa relação, permitindo integrar teoria e prática através do encontro terapêutico.

A formação clínica pautada na ACP se sustenta em pressupostos humanistas, que compreendem o ser humano como uma pessoa capaz de crescimento quando encontra condições adequadas de aceitação e compreensão empática (Rogers, 1982) . Tal perspectiva é reforçada em estudos contemporâneos sobre práticas humanistas, que destacam a importância da escuta sensível e do acolhimento como elementos essenciais para o desenvolvimento da autonomia subjetiva. Assim, a prática clínica supervisionada representa um campo de integração entre teoria e experiência, ampliando a compreensão do estudante sobre os processos psicológicos e sobre a própria atuação enquanto profissional em formação.

Considerando o caráter formativo e experiencial da ACP, o presente relatório descreve o processo desenvolvido ao longo do Estágio Específico II em Psicologia Clínica, realizado na FASICLIN, articulando a fundamentação teórica com as atividades executadas, a análise do caso atendido e a reflexão crítica sobre o percurso de aprendizagem.

A relação terapêutica é o cerne da ACP. Diferente de abordagens que enfatizam técnicas ou interpretações, a ACP valoriza a qualidade da relação entre terapeuta e cliente como o principal fator de mudança. Segundo Rogers e Kinget (1977), a relação terapêutica deve ser marcada por autenticidade, confiança e respeito mútuo. O terapeuta, ao adotar uma postura não diretiva, permite que o cliente assuma o protagonismo de seu próprio processo de mudança, explorando suas experiências e encontrando suas próprias respostas.

A escuta ativa é uma das principais ferramentas do terapeuta centrado na pessoa. Ela envolve não apenas ouvir o que o cliente diz, mas também compreender o significado emocional por trás de suas palavras. Rogers e Kinget (1977) destacam que a escuta ativa facilita a expressão de sentimentos e pensamentos que muitas vezes estão ocultos ou reprimidos, promovendo um processo de autoconhecimento e crescimento. Essa escuta ativa é fundamental para criar um ambiente de segurança e confiança, onde o cliente pode se sentir acolhido e compreendido.

Além disso, a relação terapêutica na ACP é marcada por uma atitude de respeito incondicional pelo cliente. Isso significa que o terapeuta aceita o cliente como ele é, sem julgamentos ou condições. Essa aceitação incondicional permite que o cliente se sinta valorizado e respeitado, o que é essencial para o estabelecimento de um vínculo terapêutico efetivo. No contexto clínico, essa postura é especialmente importante, pois muitos clientes chegam em situações de vulnerabilidade emocional, necessitando de um espaço seguro para expressar suas angústias e preocupações. No âmbito da formação profissional, a ACP oferece uma base sólida para o desenvolvimento de habilidades clínicas essenciais, como empatia, congruência e aceitação incondicional.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estágio foi desenvolver competências clínicas fundamentais na prática da Psicologia, por meio da aplicação dos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), favorecendo a construção de uma postura profissional ética, empática e pautada na compreensão humanizada do sujeito em atendimento psicológico.

4.2 Objetivos Específicos

- Compreender e aplicar, na prática clínica, as atitudes básicas propostas pela ACP, tais como empatia, congruência e aceitação positiva incondicional.
- Desenvolver habilidades de escuta clínica qualificada, visando favorecer a ampliação de consciência e autonomia do cliente.
- Refletir sobre o próprio papel enquanto estagiário-terapeuta, reconhecendo potencialidades, dificuldades e limites éticos da atuação clínica.
- Registrar e analisar o processo terapêutico, identificando mudanças, avanços e desafios presentes no percurso do cliente.
- Promover o fortalecimento da autonomia emocional e do autoconhecimento dos clientes, favorecendo processos de ressignificação e crescimento pessoal.
- Integrar teoria e prática por meio de supervisão clínica, aprimorando a compreensão das dinâmicas relacionais envolvidas no atendimento.
- Atuar de acordo com os princípios éticos da Psicologia, garantindo sigilo, acolhimento, respeito e postura profissional adequada às demandas clínicas.

5. DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO – FASICLIN

A FASICLIN, clínica-escola da FASIPE, constitui um espaço destinado ao atendimento psicológico à comunidade, oferecendo serviços de baixo custo, integrando a prática profissional ao processo formativo dos estudantes. Conforme descrito no site institucional da FASIPE, a clínica tem como objetivo proporcionar experiências supervisionadas nas diversas abordagens psicológicas, assegurando qualidade técnica, ética e responsabilidade social na prestação de serviços. A estrutura oferece ambientes com salas de atendimento individual, salas de supervisão e coordenação administrativa voltada ao suporte dos estagiários.

A atuação na FASICLIN segue diretrizes éticas e organizacionais estabelecidas pela instituição, atendendo às normativas do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e aos padrões descritos em manuais internos da FASIPE, garantindo sigilo, confidencialidade e acolhimento. Estudos sobre clínicas-escola destacam sua relevância como espaços que articulam formação e assistência, promovendo desenvolvimento de competências clínicas por meio da prática supervisionadas. Assim, a FASICLIN constitui um campo de estágio que integra conhecimento técnico-científico, postura humanista e responsabilidade comunitária.

6. REVISÃO DE LITERATURA

Fadiman e Frager (2002) salientam que a auto atualização é o postulado fundamental da teoria rogeriana e representa a tendência geral de funcionamento do organismo no sentido de sua preservação e valorização. Os autores dizem que Rogers sugere haver no ser humano um impulso inerente de ser o que está apto biologicamente. Tal qual uma semente tem em si o impulso para tornar-se uma árvore, a pessoa é impelida à auto realização.

Na Abordagem Centrada na Pessoa, acredita-se que a vida é um "processo que flui" e que o ser humano está permanentemente em desenvolvimento, num processo natural, em busca de auto realização, autonomia e ajustamento (Rudio, 2003). Assim sendo, todo o ser humano pode, potencialmente, tornar-se um adulto realizado em todos os ramos de sua vida. Na busca da auto-realização, ao longo de sua vida ele passa por experiências que provocarão atualizações, ajustamentos, que o impactarão positiva ou negativamente. Num clima amoroso e de aceitação, o indivíduo será impactado positivamente, terá liberdade de expressão e promoverá seu crescimento, ao passo que em um ambiente de críticas e imposições, podem ocorrer bloqueios de suas potencialidades, o que interfere na fluidez, causando insatisfações e desajustamentos.

Rudio (2003) nos diz que a aceitação de si, no aqui e agora, é a base necessária para se conseguir as mudanças desejáveis. Partindo do que o indivíduo realmente é, ele reconhece e utiliza os recursos atualmente existentes para promover essas mudanças necessárias de forma mais construtiva.

6.1 Condições facilitadoras para o atendimento clínico e formação de terapeutas em ACP

Atitudes facilitadoras: condições necessárias e suficientes para a mudança da personalidade no contexto terapêutico

De acordo com Almeida (2009), Rogers, em seu interesse por postular quais seriam as condições eficazes para que a psicoterapia alcançasse seus objetivos, desenvolveu, ao longo de seu trabalho, considerações acerca do que denominou atitudes facilitadoras do terapeuta: congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática. Para a autora, em 1940 Rogers já demonstrava esse interesse, uma vez que em textos desse período e posteriores discorreu sobre como o terapeuta deveria agir, sem, contudo, definir exatamente todas as atitudes e quais seriam suas características específicas.

Para Rudio (2003), uma vez que a pessoa é quem mais sabe sobre si mesmo, ainda que esse saber seja inconsciente, o terapeuta age como um facilitador no processo de atualização das experiências do cliente, de forma não diretiva, acreditando no potencial de auto realização da pessoa, num ambiente de aceitação e isento de julgamentos. Agindo assim, o terapeuta permite que o cliente chegue às suas próprias conclusões, tome suas próprias decisões e assuma as rédeas de sua vida.

A respeito disso, Pennacchi e Carvalho (2007) dizem que a tendência atualizante contribui para a relação terapêutica, por permitir que o cliente propicie o seu próprio crescimento e se torne mais livre para ser e transformar-se a si mesmo.

Silva (2005) entende que durante a terapia é possível identificar e rever velhos hábitos, crenças e valores e se liberar do passado, dando espaço ao desconhecido, às possibilidades de receber e criar coisas novas, para, então, pensar, sentir e agir de forma consciente e presente no aqui e agora. Porém, afirma a autora, esta mudança precisa respeitar o ritmo pessoal de cada indivíduo.

Para Rudio (2003), quando o cliente encontra um clima permissivo, ele consegue estabelecer uma boa comunicação consigo mesmo. Entretanto, o terapeuta precisa desenvolver habilidades pessoais para propiciar esse clima aos seus clientes.

Dessa forma, as atitudes facilitadoras não são técnicas de atendimento psicológico, são condições indispensáveis e autossuficientes vivenciadas pelo terapeuta que possibilitam ao cliente experimentar, por meio da relação terapêutica, o que deveria ter sido experimentado em suas demais relações interpessoais. Entrelaçadas e complementares, a congruência, a consideração positiva incondicional e a compreensão empática têm por objetivo restaurar para o cliente a liberdade experiencial necessária para que ele se autodesenvolva: por meio do ajuste psicológico, promovido por estados de congruência, aceitando suas experiências incondicionalmente, como o terapeuta deve fazer, e, a partir da compreensão empática do terapeuta, que o cliente possa se ouvir e adotar seus referenciais internos para conduzir sua vida.

6.2 A congruência na perspectiva rogeriana e o seu papel central na psicoterapia

Rogers (1982) afirma que quanto mais uma pessoa conseguir assumir, sem receios, a complexidade de seus sentimentos, tanto maior será a sua congruência. Ele considera a congruência como uma condição básica para que ocorra a aprendizagem.

O conceito de congruência em Rogers, que também usa a denominação autenticidade para o mesmo processo, está associado a três outros fatores: experiência, representação correta na consciência e comunicação (Rogers, 1987). A confluência entre esses processos permite ao indivíduo que ele esteja congruente, o que significa realizar boa comunicação consigo e com os outros. Nesse mesmo sentido, ao desacordo entre a experiência e a simbolização, denomina-se incongruência. (RUDIO, 1999).

Fadiman e Frager (2002) acrescentam que a congruência é o nível de exatidão entre a experiência da comunicação e a tomada de consciência. Quanto menor a discrepância entre experienciar e tomar consciência, maior será a congruência. Um alto grau de congruência implica a semelhança entre a comunicação (o que o indivíduo está expressando), a experiência (o que está acontecendo em seu campo) e a tomada de consciência (o que o indivíduo está percebendo).

Wood et al (1997) dizem que a congruência não requer somente honestidade consigo mesmo, mas autoconhecimento para saber o que está sentindo, além da habilidade em comunicar sua experiência.

Já a incongruência é definida por Fadiman e Frager (2002) como a inabilidade em perceber com precisão o que ocorre em seu campo e a inabilidade na comunicação precisa. A incongruência entre a tomada de consciência e a experiência chama-se repressão. Quando a incongruência está entre a tomada de consciência e a comunicação, a pessoa não expressa o que de fato está sentindo, pensando ou experienciando.

Rogers (1975) diz que a vulnerabilidade básica da pessoa é equivalente à incongruência entre as percepções das suas capacidades e relações e a realidade socialmente captada. À medida que ela consegue enfrentar a totalidade da sua experiência, diferenciando-a e simbolizando-a adequadamente, vai organizando uma nova estrutura do ego, que vai se tornando mais firme e claramente definida, servindo de guia para uma conduta mais segura e estável.

Fadiman e Frager (2002) acrescentam que a incongruência pode ser interna e aparecer como tensão, ansiedade ou até como confusão interna, e, quando ocorre uma grande discrepância entre a realidade externa e aquilo que o indivíduo experiencia internamente, ele não é capaz de agir.

O psicoterapeuta, ao proporcionar um clima de total liberdade experiencial, por meio da consideração positiva incondicional e da compreensão empática, possibilita que o cliente entre em contato com experiências que foram negadas ou distorcidas, simbolizando-as e comunicando-as adequadamente. Além disso, a própria comunicação do terapeuta com o cliente deve ser congruente, um aspecto crucial da relação entre ambos (RUDIO, 1999).

Nesse sentido, no que se refere à congruência como atitude facilitadora, Rogers a considerou como a mais importante para o processo terapêutico, focando-se no estado e no grau de congruência do psicoterapeuta para o estabelecimento de uma relação autêntica com o cliente. Ao ser congruente, o terapeuta estabelece com o cliente uma relação que se diferencia das interações corriqueiras comumente feitas a partir do uso de 'máscaras', de disfarces, de omissões ou distorções de sentimentos, emoções, opiniões. De modo geral, há uma busca por aceitação social, o que compromete a comunicação autêntica. Ao vivenciar uma relação em que a comunicação é congruente, o cliente pode se sentir seguro para assim se expressar também em seu relacionamento com o terapeuta e nas suas demais relações (RUDIO, 1999).

6.3 Consideração positiva incondicional: a aceitação como necessidade humana

O conceito de "consideração positiva incondicional" de Carl Rogers (1982) envolve uma aceitação calorosa e sem julgamentos das emoções do outro. Schultz e Schultz (2004) expandem essa ideia, afirmando que a necessidade de aceitação, especialmente da mãe, é crucial para o desenvolvimento do self. Quando uma criança recebe amor incondicional, isso fomenta a autoconsideração positiva, onde a aceitação de si mesma se torna possível, permitindo que a pessoa também aceite os outros.

Rogers (1992) relaciona o self real (quem a pessoa realmente é) ao self ideal (quem ela aspira ser). A introjeção de crenças distorcidas pode criar uma imagem distorcida de si mesma, levando à falta de autenticidade e desajustamento. Essa desconexão interna resulta em dificuldades na comunicação, tanto consigo mesma quanto com os outros. Para manter essa imagem idealizada, a pessoa gasta energia, tornando-se inflexível e rígida, afastando-se de sua verdadeira essência.

Para Rudio (1999), ter consideração positiva incondicional por alguém significa expressar aceitação, estima e amor, acolhendo-a como pessoa, independentemente do que se possa julgar como defeitos e qualidades. O contexto terapêutico, requer, além disso, que o

terapeuta tenha respeito pelo aqui e agora do cliente, sem esperar que ele seja diferente do que é. Entretanto, ressalta, assim como Rogers e Kinget (1977a) o fazem, que considerar incondicionalmente não significa que o terapeuta irá concordar ou discordar; denota que irá aceitar e receber do cliente o que esse expressa sobre suas experiências, o que reflete e sente sobre o mundo e sua autopercepção.

Também Rogers e Kinget (1977a), ao discorrerem sobre a importância de o terapeuta se abster de julgamentos, tanto nos casos em que os valores do cliente estejam de acordo com os seus quanto nos casos em que não estejam, destacam que esse não precisa se inquietar com medo de que o indivíduo se comporte de modo associal ou amoral caso seja aceito tal como é. Os autores embasam essa afirmativa citando que, em mais de vinte de anos de observação e de pesquisa, foi constatado que se a pessoa está em condições satisfatórias de segurança e de liberdade, e, por consequência, responsável, ela se mostra desejosa de conviver harmoniosamente com os outros, respeitando-os e sendo respeitada.

Rogers e Kinget (1977a, p.139) retomam, ainda, colocações de Rogers sobre os efeitos que uma acolhida calorosa é capaz de promover, relacionando esses resultados à tendência atualizante e aos processos de desenvolvimento da congruência.

Rudio (1999, p. 101), ao comentar sobre o aspecto operacional da aceitação a qual Rogers faz referência, diz que essa é vivenciada na relação terapeuta-cliente sem preparação prévia, sendo observada pela forma como o “terapeuta recebe e participa das expressões que o cliente comunica”, ou seja, se verifica por meio da comunicação terapêutica, a partir de “um modo próprio de agir, que o terapeuta efetiva no seu contato com o cliente.”

Nessa esteira, Freire (2010, p.17) defende que as respostas-reflexo não expressam apenas a compreensão empática do terapeuta; refletem também a consideração positiva incondicional sobre as experiências do aqui-e-agora do cliente. Ao realizar a comunicação dessa forma, o terapeuta está demonstrando que a experiência do cliente foi, além de compreendida, recebida, acolhida e aceita, sem que houvesse críticas e julgamentos. Para a autora, isso torna a qualidade da relação terapeuta-cliente única, uma vez que, em seus relacionamentos comuns, o cliente não receberia uma “entrega incondicionalmente confiante” como o terapeuta é capaz de vivenciar.

6.4 Compreensão empática: compreender a partir do referencial interno do outro

Rogers (1982) também trouxe o conceito de "compreensão empática", que ocorre quando uma pessoa consegue ser sensível aos sentimentos e às reações de outra a ponto de compreender a experiência dessa outra "de dentro", tal como esta a vê.

Na obra de Rogers, a compreensão empática, que vem acompanhada de um adjetivo qualificador para a palavra compreensão, indica que não se trata de apenas compreender o cliente. Além de buscar compreendê-lo, o terapeuta precisa fazer isso de modo empático, o que significa um duplo movimento de buscar entender e de se colocar no lugar do outro ao mesmo tempo. Todavia, nem sempre essa atitude facilitadora teve essa acepção completa.

conforme Fontgalland e Moreira (2012), é a partir de 1940 período que, sem mencionar diretamente o termo empatia, Rogers recomenda a importância de o terapeuta não censurar, não reprovar e não se identificar excessivamente com o cliente, características que depois irão compor o conceito de compreensão empática. Ademais, as autoras explicam que a mudança da designação de empatia para compreensão empática ocorreu a partir da década de 50 quando Rogers buscou maior precisão para as atitudes facilitadoras. A não identificação referida acima é posteriormente enfatizada por Rogers quando define empatia e discorre sobre o “como se” estivesse no lugar do outro, ou seja, essa identificação precisa ser equilibrada.

Freire (2010, p. 16) pontua que “a terapia centrada na pessoa é uma jornada de autodescoberta, uma jornada de crescimento do cliente em busca de auto-realização e plenitude”. Nesse sentido, o terapeuta é um facilitador desse processo e é por meio da compreensão empática que estabelece uma conexão com a experiência orgânica do cliente, com o que esse estiver vivendo no aqui-agora.

7. METODOLOGIA

A metodologia adotada durante o estágio consistiu na realização de atendimentos clínicos individuais com enfoque na Abordagem Centrada na Pessoa. Os encontros foram desenvolvidos de maneira semanal, com duração aproximada de cinquenta minutos, em ambiente adequado e preparado para garantir privacidade, sigilo e acolhimento.

O processo implicou a utilização da escuta ativa, devolutivas refletidas e intervenções não diretivas, com o objetivo de facilitar a expressão emocional e a reorganização interna do cliente. A supervisão clínica desempenhou papel essencial na elaboração das vivências do estagiário, possibilitando compreender os movimentos do cliente, analisar escolhas interventivas e refletir sobre o manejo clínico. Além disso, foram elaborados registros de cada atendimento, seguindo orientações institucionais, resguardando integralmente o anonimato e a confidencialidade do cliente. Esse procedimento proporcionou aprofundamento na compreensão do processo terapêutico e constituiu uma ferramenta de autoavaliação profissional.

8. ABORDAGEM UTILIZADA NO ESTÁGIO

A abordagem adotada foi a Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers, guiada pelas três atitudes fundamentais: empatia, congruência e consideração positiva incondicional. O foco esteve em facilitar a expressão emocional, promover compreensão da experiência vivida e favorecer a reorganização interna do cliente. A prática clínica buscou sustentar um ambiente seguro e acolhedor, permitindo que o cliente se engajasse no próprio processo de mudança, de forma espontânea e autônoma (Rogers, 1982; Castro, 2022). Em supervisão, as vivências clínicas foram analisadas à luz da fenomenologia, reforçando o caráter experiencial da ACP.

9. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As atividades desenvolvidas incluíram a realização de atendimentos clínicos individuais, acolhimentos iniciais, construção conjunta do contrato terapêutico e condução das sessões ao longo do semestre. Procedeu à escuta qualificada, buscando criar uma atmosfera de aceitação e segurança emocional que favorecesse o processo de exploração das vivências do cliente.

Durante as sessões, foram observadas e trabalhadas questões relacionadas a emoções, conflitos pessoais, relacionamentos e dificuldades do cotidiano. Foram utilizadas intervenções compatíveis com a ACP, sempre priorizando a autonomia do cliente diante de suas escolhas e compreensões. Durante as sessões, buscou-se oferecer uma escuta atenta e sensível, criando um ambiente em que o cliente pudesse sentir-se à vontade para expressar suas vivências de maneira espontânea. O foco esteve em compreender profundamente os sentimentos e significados trazidos, acolhendo-os sem julgamentos e favorecendo a construção de um espaço de segurança emocional. As intervenções e dinâmicas foram realizadas de forma cuidadosa e alinhada aos princípios da ACP, com devoluções reflexivas, clarificações e observações que ajudavam o cliente a entrar em contato com suas próprias percepções, sempre preservando sua autonomia e o seu próprio ritmo interno.

Complementarmente, foram realizadas supervisões semanais, leituras teóricas, discussões grupais e reflexões sobre a prática clínica, favorecendo a construção de um olhar mais amplo e crítico sobre a experiência. Esse conjunto de atividades contribuiu diretamente para o amadurecimento profissional e pessoal de cada estagiário.

10. RELATOS DAS SESSÕES

Os relatos descrevem o processo psicoterapêutico desenvolvido ao longo das treze sessões do Estágio Supervisionado Específico II em Psicologia Clínica, fundamentado na Abordagem Centrada na Pessoa. A apresentação mantém sigilo ético e expõe, de forma objetiva, os principais conteúdos, demandas e movimentos clínicos observados em cada encontro.

Sessão 1 — Acolhimento e início da vinculação terapêutica

A primeira sessão teve como foco o acolhimento inicial e a criação de um clima terapêutico favorável à expressão emocional. A cliente apresentou dificuldades relacionadas a conflitos familiares, sentimentos de sobrecarga e anseios de reorganização emocional. Durante o encontro, a cliente relatou aspectos gerais sobre sua rotina, sua história de vida e preocupações atuais. Observou-se certa insegurança inicial, característica comum nos primeiros atendimentos, que foi gradualmente diminuída conforme a relação terapêutica se estabelecia. Foram utilizadas técnicas de escuta ativa, validação e consideração positiva incondicional, essenciais para o início da construção do vínculo.

Sessão 2 — História familiar e primeiras experiências emocionais

Na segunda sessão, a cliente iniciou relatos mais profundos sobre sua história familiar, destacando situações de negligência afetiva vividas na infância. Relatou que permaneceu longos períodos sob os cuidados das tias, descrevendo um ambiente rígido e pouco acolhedor. Trouxe memórias de situações em que aguardava sozinha na escola até o anoitecer porque os pais a esqueciam ou demoravam para buscá-la. Esses relatos foram acolhidos com empatia, permitindo que a cliente reconhecesse o impacto emocional dessas experiências em sua vida adulta.

Sessão 3 — Exploração da perda da tia significativa

A terceira sessão foi marcada pela expressão de sentimentos relacionados à perda de uma tia com quem a cliente possuía forte vínculo emocional. A cliente demonstrou tristeza ao relatar o falecimento ocorrido há cinco anos, descrevendo culpa por não ter passado mais tempo com essa figura significativa. Durante a narrativa, apresentou choro leve e verbalizou que se sentia fechada emocionalmente nos últimos anos, o que dificultava relações familiares. A condução

da sessão utilizou técnicas de reflexão emocional para que a cliente pudesse acessar e validar seus afetos de forma segura.

Sessão 4 — Relatos sobre a relação com os pais e impacto no desenvolvimento emocional

Neste encontro, aprofundaram-se as reflexões sobre as relações parentais. A cliente relatou episódios marcantes da infância, como brigas frequentes entre os pais, traições conjugais e o período em que o pai desenvolveu depressão, tornando-se ausente. Narrou ainda um episódio afetivo ligado a um macaquinho de pelúcia que representava segurança emocional, do qual precisou se desfazer ao morar com a tia. A sessão possibilitou que a cliente identificasse como a ausência de figuras cuidadoras consistentes e afetuosas contribuiu para dificuldades emocionais atuais, como insegurança e carência afetiva.

Sessão 5 — Inversão de papéis e sobrecarga emocional atual

A quinta sessão concentrou-se no momento presente, em que a cliente relatou assumir o papel de “mãe” de sua própria mãe, que atualmente reside com ela. A cliente verbalizou frustração e ambivalência ao lidar com a responsabilidade emocional por ambos os pais, incluindo o pai que vive em outro lar, mas pelo qual ela também se sente responsável. A sessão favoreceu a expressão desses sentimentos e possibilitou reflexões sobre limites pessoais. A intervenção terapêutica priorizou a empatia e o reconhecimento da sobrecarga emocional relatada.

Sessão 6 — Relações de trabalho e intensificação do estresse emocional

Durante esta sessão, a cliente descreveu mudanças recentes no ambiente de trabalho, consideradas por ela como desgastantes e emocionalmente exaustivas. A cliente relatou que o excesso de responsabilidades e a falta de apoio contribuíam para seu estresse. Utilizou-se técnicas centradas na pessoa para explorar sentimentos relacionados à exaustão, autocobrança e necessidade de autocuidado, sem direcionar ou impor interpretações, permitindo que a cliente identificasse suas próprias necessidades internas.

Sessão 7 — Integração emocional e aprofundamento da autoconsciência

Na última sessão registrada, ocorreu maior integração dos conteúdos trabalhados. A cliente demonstrou percepção mais nítida de seus padrões emocionais, reconhecendo a influência da infância em suas relações atuais. Também identificou necessidades de cuidado pessoal, limites e reorganização emocional. A sessão evidenciou um avanço significativo na expressão afetiva, com aumento da confiança na relação terapêutica e capacidade de reflexão sobre si. Foram utilizadas intervenções breves de paráfrase, silêncio terapêutico e validação emocional.

Sessão 8 – Exaustão emocional e busca por reconhecimento

A cliente trouxe à sessão forte sensação de cansaço emocional em função das múltiplas responsabilidades que acumula no cotidiano, tanto no ambiente familiar quanto no trabalho. Relatou que, muitas vezes, sente que precisa corresponder às expectativas de todos e teme decepcionar as pessoas próximas. Essa postura, segundo ela, gera sobrecarga e frustração, especialmente porque raramente percebe reconhecimento ou retorno afetivo proporcional ao esforço investido. A sessão proporcionou um espaço para reflexão sobre sua dificuldade em estabelecer limites claros e sobre sua tendência a se responsabilizar excessivamente pelos outros. Trabalhou-se também sua percepção sobre a necessidade de validar suas próprias necessidades sem se sentir culpada.

Sessão 9 – Autoestima fragilizada e reconstrução da autopercepção

A cliente aprofundou reflexões sobre sua autoestima, relatando que durante muito tempo internalizou críticas e comentários negativos de pessoas próximas. Falou sobre vivências da adolescência e início da vida adulta que a levaram a desenvolver uma autoimagem distorcida e pouco acolhedora. Na sessão, discorreu como, em suas amizades, costumava se doar intensamente na tentativa de ser aceita, mas raramente recebia reciprocidade. O espaço terapêutico serviu para reconstruir a percepção sobre si mesma, destacando suas qualidades e fortalecendo a compreensão de que sua identidade não é definida por críticas externas.

sessão 10 – autocuidado e desafios na rotina

Durante esta sessão, a cliente compartilhou esforços recentes para incorporar práticas de autocuidado em sua rotina, como tentar se exercitar através de caminhadas curtas, dormir melhor, organizar a casa e reservar tempo para lazer. No entanto, relatou que ainda enfrenta dificuldade em manter constância nesses hábitos, especialmente quando está emocionalmente sobrecarregada e sem ânimo. Explicou que, em dias mais difíceis, sente vontade de se isolar e acaba deixando de lado tarefas básicas, como arrumar seu quarto ou preparar refeições adequadas. A sessão abordou a ambivalência entre o desejo de cuidar de si e o cansaço que muitas vezes a paralisa, reforçando a importância de reconhecer seus limites e estabelecer pequenas metas realistas para fortalecer sua autonomia emocional. A cliente revisitou sentimentos relacionados ao falecimento de sua tia e a forma como o luto permanece presente em sua vida. Relatou lembranças afetivas importantes e mencionou mudanças no ambiente

familiar após a perda, especialmente na dinâmica entre as três tia. A sessão possibilitou expressão emocional significativa e acolhimento das vivências relacionadas ao luto e ao vínculo afetivo construído ao longo da vida.

Sessão 11 — conflitos interpessoais e progresso emocional

Na décima primeira sessão, a cliente relatou ter vivenciado um episódio de ansiedade após um encontro com amigos de sua antiga igreja. O desconforto foi desencadeado por um comentário crítico de uma amiga, que comparou negativamente o grupo de louvor da antiga congregação com o da nova igreja. A cliente, que havia se dedicado intensamente ao ministério de louvor por muitos anos, sentiu-se desvalorizada e emocionalmente atingida, especialmente porque outros presentes também haviam participado do grupo, o que reforçou sua sensação de desconexão e falta de reconhecimento.

A cliente também retomou lembranças da época em que morou com uma amiga, relatando críticas constantes sobre sua fala de organização doméstica e comportamentos pessoais. Apesar dessas cobranças, destacou que a amiga também não cumpria suas responsabilidades na casa, o que tornava a convivência desgastante. Com o tempo, foi solicitada a deixar a residência, algo que já esperava, e informou ter encontrado outro local para morar, solicitando três meses para realizar a mudança. Outro tema discutido foi o apoio financeiro recorrente que oferece à irmã, que enfrenta dificuldades econômicas. A cliente afirmou ajudar com satisfação devido ao carinho pelos sobrinhos, embora reconheça preocupação pela instabilidade financeira da irmã, que já havia recorrido a agiotas. Esse aspecto reforça seu papel de cuidadora dentro da família. A relação com a mãe também foi explorada, especialmente a percepção de que ela demonstra maior preocupação pela outra filha, o que contribui para sentimentos de desamparo. A cliente relatou sentir-se como a base emocional e estrutural da família, responsável por resolver grande parte dos problemas familiares, muitas vezes sem receber apoio equivalente. Comentou ainda sobre a divisão das despesas da casa, mencionando que, após sua mudança de setor e aumento salarial, a mãe passou a contribuir apenas com metade dos custos, o que pode gerar tensões na convivência. Ao final da sessão, destacou perceber avanços emocionais decorrentes da terapia. Relatou elogios de colegas de trabalho, que notaram mudanças positivas em seu comportamento, descrevendo-a como mais leve e comunicativa. Também compartilhou ter sentido motivação e energia para realizar tarefas domésticas após a sessão anterior, interpretando isso como um progresso em seu autocuidado e bem-estar.

Sessão 12 — Expectativas afetivas, inseguranças e construção gradual de vínculos

A cliente trouxe reflexões sobre suas expectativas e receios relacionados a vínculos afetivos. Compartilhou que recentemente iniciou conversas com um rapaz através do aplicativo Tinder e que vêm trocando mensagens com frequência. Relatou, porém, que apesar de apreciar a interação, não se sente totalmente motivada ou entusiasmada com a possibilidade de iniciar algo concreto. Explicou que ainda carrega inseguranças e receios decorrentes de experiências anteriores, o que a deixa mais cautelosa. A cliente mencionou que, embora deseje construir um relacionamento no futuro, acredita que isso só será possível quando houver compatibilidade de princípios, valores, visão de mundo e objetivos de vida entre ambas as partes. Ressaltou que, para ela, é essencial conhecer a personalidade do outro, suas qualidades, limitações e modo de se comportar por meio da convivência gradual e genuína, e não apenas por conversas superficiais. Esse entendimento demonstra um movimento de maior maturidade emocional, indicando que a cliente não deseja repetir padrões de vínculos anteriores que foram marcados por frustrações e idealizações.

sessão 13 – Reflexões sobre trabalho, rotina, fé e limites pessoais

A cliente compartilhou acontecimentos recentes de seu período de férias e reflexões pessoais sobre sua rotina profissional, social e emocional. Falou sobre a ambivalência em relação ao trabalho, relatando dúvidas sobre permanecer no setor atual ou buscar novas oportunidades que possam oferecer maior remuneração, ainda que impliquem responsabilidades adicionais. Relatou também momentos de lazer, como assistir séries e disse que estava ansiosa no dia para assistir o jogo do flamengo, demonstrando prazer nesses momentos de descanso. Durante a sessão, a cliente abordou novamente sua relação com a antiga congregação. Relatou que, apesar de ter recebido um convite de uma amiga para participar de um culto, optou por não aceitar naquele momento, pois sente que precisa respeitar seu próprio ritmo. Explicou que deseja, sim, voltar a congregar futuramente, mas não se sente emocionalmente preparada para retornar à sua antiga igreja, especialmente por conta de experiências anteriores que ainda lhe trazem desconforto. Pontuou que, embora esteja afastada fisicamente do ambiente religioso, isso não significa que tenha perdido sua fé. A cliente reforçou que a sua comunhão com Deus continua presente, mas necessita de um tempo para reorganizar seus sentimentos antes de retomar sua vivência na vida da igreja.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio em Psicologia Clínica, fundamentado na Abordagem Centrada na Pessoa permitiu o desenvolvimento de uma prática clínica sensível, ética e profundamente humanizada. Proporcionou-se um processo de formação marcado pela construção de competências técnicas e pelo desenvolvimento de um olhar ético e sensível sobre o sofrimento humano. A prática possibilitou vivenciar de maneira concreta os princípios rogerianos, evidenciando a potência transformadora da relação terapêutica quando conduzida com presença, autenticidade e respeito à singularidade do cliente.

A experiência permitiu compreender que a escuta clínica vai além de um conjunto de técnicas, constituindo um encontro genuíno que favorece a reorganização emocional e a ampliação da autonomia do sujeito. O que também contribui para o autoconhecimento do estagiário, que pôde reconhecer suas próprias implicações subjetivas no trabalho clínico. Assim, conclui-se que o estágio representou um momento de intensa aprendizagem e fortalecimento da identidade profissional, consolidando bases fundamentais para a atuação futura como psicólogo clínico. A partir do encontro terapêutico, foi possível observar transformações significativas na forma como os clientes compreenderam suas experiências, reorganizaram as suas perspectivas e expandiram seu senso de autonomia. A ACP mostrou-se eficaz na promoção de crescimento pessoal, fortalecimento emocional e ressignificação existencial. Conclui-se que sua aplicação na formação clínica contribui para a construção de psicólogos mais empáticos, reflexivos e comprometidos com a singularidade de cada sujeito, reforçando sua relevância no campo contemporâneo da psicologia.

11. DADOS GERAIS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

ATIVIDADE	CARGA HORÁRIA
CAMPO DE ESTÁGIO	56 HORAS
SUPERVISÃO	68 HORAS
PRODUÇÃO DE RELATÓRIO	20 HORAS
ESTUDOS TEÓRICOS	10 HORAS
TOTAL	164 HORAS

No Estágio Específico II – Ênfase em Psicologia Clínica foram cumpridas 56 horas de atendimento clínico no campo de estágio – Fasiclin. Ademais, foram realizadas 68 horas de supervisão em sala na Fasiclin – CPA, sob a orientação do docente Esp. Heronilton Silva e Lima. Nos estudo da fundamentação teórica com a elaboração do relatório foram contabilizadas 30 horas. Ao final do Estágio Específico II, foram totalizados 164 horas de carga horária.

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, L. R. Consideração positiva incondicional no sistema teórico de Carl Rogers. *Temas em Psicologia*, v. 17, n. 1, p. 177-190, 2009.
- AMATUZZI, M. M. Rogers: ética humanista e psicoterapia. 2. ed. Campinas: Alínea, 2012.
- BACELLAR, A. (org.). A psicologia humanista na prática: reflexões sobre a prática da abordagem centrada na pessoa. 3. ed. Palhoça: Ed. Unisul, 2017.
- BEZERRA, M. E. S.; BEZERRA, E. N. Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. *Revista NUFEN*, v. 4, n. 2, dez. 2012. ISSN 2175-2591. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912012000200004&script=sci_arttext. Acesso em: 2 dez. 2025.
- BRANCO, P. C. C. As pesquisas clínicas coordenadas por Carl Rogers: apontamentos metodológicos e repercussões. *Psicologia em Pesquisa*, v. 16, e31533, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/download/31533/24167>. Acesso em: 2 dez. 2025.
- BRANCO, P. C. C. Proposição de um modelo de pesquisa-ação para aprimorar práticas humanistas centradas na pessoa: apontamentos metodológicos. *Interação em Psicologia*, v. 26, n. 1, p. 104, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/76883/46514>. Acesso em: 9 dez. 2025.
- BRITO, R. M. M.; MOREIRA, V. “Ser o que se é” na psicoterapia de Carl Rogers: um estado ou um processo? *Memorandum*, v. 20, p. 201-210, abr. 2011. ISSN 1676-1669. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/download/6631/4205/>. Acesso em: 9 dez. 2025.
- CORRÊA, G. N. S. A importância da psicologia humanista e fenomenológica da abordagem centrada na pessoa como resposta às angústias de hoje. *Periódicos UFAM*, p. 1-21, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/BIUS/article/view/13528>. Acesso em: 9 dez. 2025.
- FADIMAN, F.; FRAGER, R. Teorias da personalidade. São Paulo: Harbra, 1986.

FONTGALLAND, R. C.; MOREIRA, V. Da empatia à compreensão empática: evolução do conceito no pensamento de Carl Rogers. *Memorandum*, v. 23, p. 32-56, 2012.

FREIRE, E. Psicoterapia Centrada na Pessoa: uma jornada em busca de autorrealização e plenitude. In: KLÖCKNER, F. C. S. (org.). *Abordagem Centrada na Pessoa: a psicologia humanista em diferentes contextos*. 2. ed. Londrina: EdUniFil, 2010. p. 15-28.

GALDINO, M.; MELLO, T. B.; RAMALHAIS, T. F.; NASCIMENTO, M. S. S.; COSTA, J. G. Tornar-se psicoterapeuta: formação do psicólogo clínico à luz da abordagem centrada na pessoa. *Iguazu Science*, v. 4, n. 4, 2024. ISSN 978-65-81057-05-1. Disponível em: <http://iguazu.uniguacu.com.br/index.php/iguazu/article/download/94/64>. Acesso em: 9 dez. 2025.

HOLANDA, A. F. *Diálogo e Psicoterapia: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber*. São Paulo: Lemos, 1998.

MOREIRA, V. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 27, n. 4, p. 537-544, out./dez. 2010.

PALMA, A. L. S. C. Um jeito de ser centrado na pessoa: a formação de psicoterapeutas em Abordagem Centrada na Pessoa. In: BACELLAR, A. (org.). *A psicologia humanista na prática*. 3. ed. Palhoça: Ed. Unisul, 2017. p. 157-173.

PENNACCHI, A. C.; CARVALHO, L. G. *A Pessoa em Crescimento: contribuições da “tendência atualizante” para a relação terapêutica*. Monografia. Disponível em: <http://www.encontroacp.psc.br/teses%20e%20textos>. Acesso em: 2 dez. 2025.

ROGERS, C. R. *Psicoterapia e consulta psicológica*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

ROGERS, C. R. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

ROGERS, C. R.; KINGET, M. G. *Psicoterapia e relações humanas*. Belo Horizonte: Interlivros, 1977a. v. 1.

Psicoterapia e relações humanas. Belo Horizonte: Interlivros, 1977b. v. 2.

ROGERS, C. R. *Um jeito de ser*. São Paulo: E.P.U, 1987.

RUDIO, F. V. Orientação não-diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia. Petrópolis: Vozes, 2003.

RUDIO, F. V. Orientação não-diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. História da psicologia moderna. São Paulo: Cultrix, 1981.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. Teorias da personalidade. São Paulo: Thomson, 2004.

SILVA, L. O. R. da; CARVALHO, A. R. R. F. de; CARVALHO, F. L. de S. Para além da ACP: as contribuições das abordagens psicológicas para o Plantão Psicológico. *Revista Amazônica*, v. 18, n. 2, p. 172-188, jul./dez. 2025. ISSN 1983-3415. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/download/18186/11354/48313>. Acesso em: 2 dez. 2025.

13. ASSINATURA DO ORIENTADOR/SUPERVISOR DE ESTÁGIO CLÍNICO

Prof Esp. Heronilton Silva e Lima
Supervisor de Estágio FASIPE

14. ANEXOS

- Registros Fotográficos;
- Relatórios em ordem numérica;
- Ficha de presença do estagiário assinado pelo responsável do local de estágio;



